CONTAÇÃO DE HISTÓRIA UM RECURSO PEDAGÓGICO VALIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FLÁVIA SILVA ALMEIDA

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a importância da contação de histórias na Educação Infantil. As narrativas sempre estiveram no caminho da evolução humana. O legado do homem foi transmitido pela tradição oral. As experiências eram traduzidas de geração em geração, oralmente, uma arte milenar. A metodologia da contação de histórias é fundamental para ser trabalhada como proposta na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. A investigação deste estudo foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e um pesquisa descritiva. Na Educação Infantil, a contação de histórias é um valioso recurso pedagógico para o desenvolvimento integral das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Narrativas, Tradição Oral; Educação Infantil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the importance of storytelling in Early Childhood Education. Narratives have always been on the path of human evolution. The man's legacy was transmitted via oral tradition. Experiences were translated from generation to generation, orally, an ancient art. The storytelling methodology is fundamental to be worked on as a proposal in Early Childhood Education for the formation of future readers. The investigation of this study was carried out through a bibliographical and descriptive re view research. In kindergarten, storytelling is a valuable pedagogical resource for the integral development of children.

KEYWORDS: Storytelling; Narratives, Oral Tradition; Child Education.

1 INTRODUÇÃO

O homem traduziu por meio das narrativas suas experiências. A arte de contar história faz parte do processo histórico da Humanidade. Por intermédio, das narrativas orais originou-se diversos gêneros narrativos como: a literatura, o cinema, as peças teatrais, a televisão. O presente estudo autêntica como os gêneros literários facilitaram as manifestações dos homens, isto é, elaborou-se o potencial imaginário que conduz muitas histórias.

Antigamente, as pessoas tinham como veículo de transmissão de conhecimentos e informações por meio das narrativas orais, elas transmitiam suas vivências. Uma ação mágica que deslumbra adultos e crianças até hoje. Desse modo, pode-se afirmar que a contação de histórias é uma arte milenar dosada de recursos técnicos necessários para expandir a imaginação e desenvolvimento integral dos indivíduos.

Destaca-se a importância da contação de histórias para crianças pequenas na Educação Infantil. Para isso acontecer, cabe às escolas planejarem as ações educativas nas propostas curriculares para as narrativas de forma oral ou com livros. Um recurso pedagógico fundamental para expandir o imaginário, aguçar a curiosidade dos estudantes e formação de futuros leitores.

Aborda-se o valor da escolha de uma história, pois narrativa como texto literário, será o alicerce do potencial estético e criativo, tanto na construção da linguagem verbal como quanto aos recursos visuais que podem ser ricamente explorados de forma lógica, simbólica e lúdica. Essa escolha pode transitar por uma diversidade de gêneros e de construções de um mesmo conteúdo. Será um instrumento pedagógico de grande valia para o autoconhecimento das crianças, na Educação Infantil.

O objetivo geral desse estudo é analisar a importância da contação de histórias na Educação Infantil. Quanto aos objetivos específicos foram: conhecer o processo histórico da arte de contar histórias; identificar os aspectos do ato de contar histórias como arte e técnica; demonstrar o recurso pedagógico da contação de histórias e sua relevância na Educação Infantil.

A estrutura contextual desse artigo de revisão baseou-se no questionamento sobre o grande valor da contação de história na Educação Infantil. Apresentou-se por meio de um caminho metodológico realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica e descritiva.

Destacou-se autores renomados como Coelho, Machado, Cortes, Vygotsky, Almeida, Fontes entre outros.

2. DESENVOLVIMENTO

Por muito tempo, antes dos avanços tecnológicos, as pessoas se sentavam para ouvir as histórias, transmitir mensagens, conhecimentos e informações via tradições orais. Elas eram compostas de enredos que traziam mistérios, aventuras, angústias, medos, momentos de clímax conflituoso, posteriormente, terminava com um final feliz (CARTIER, 2015). Desse modo, pode-se apontar que a humanidade teve modos particulares de contar as histórias, desde situações cotidianas até casos expressivos de imaginação.

Contar histórias poderá ser um ato

mágico, a pessoa ouvinte vivenciará momentos de transformações com os personagens. Desse modo, ao incorporá-los vivenciará as emoções e viajará em lugares distantes e fantásticos, por meio do enredo e dos personagens podendo relacionar com suas experiências do cotidiano. O tempo e o espaço míticos da narrativa, além de propiciarem o autoconhecimento, despertam o gosto por manifestações artísticas. Dessa forma, cultiva a consciência crítica, o senso estético e a reflexão sobre questões fundamentais e antagônicas da existência humana como: vida e morte, amor e ódio, bem e o mal.

Ao contar histórias para os bebês e as crianças pequenas na Educação Infantil, os educadores auxiliaram ao aconchego , ao carinho, ao voltar-se ao processo de leitor e contador aos seus ouvintes. Assim, o ato de contar, por si, tornar-se essencial, e, muitas vezes, prescinde de outra atividade em que a criança tenha que explicitar sua compreensão, seus sentimentos e emoções, proporcionando, apenas e profundamente o entrar em contato com eles.

2.1 Arte de contar histórias: tradição oral uma arte milenar

O relato oral foi o alicerce por muitos anos para a Contação de Histórias, segundo Oliveira (2002, p. 7). Os registros não conta o tempo exato, verificaram-se apenas "alguns inscritos em pedras, em tabuinhas de argila ou vegetal, em papiros", encontrados em todo o mundo. Nas cavernas encontraram-se as expressões pictóricas, em que relatavam cenas do cotidiano para serem observadas. No Oriente Médio e na Ásia Central, com a aparecimento da linguagem escrita, criaram-se casas de chás em aldeias distantes. Nesses espaços os contadores de histórias narravam para todos os públicos até o infantil.

De acordo com Machado (1994, p. 12), "o homem nunca dispensou as histórias para viver. Não há povo sem narrativa". As histórias são elementos para as pessoas sonharem, conhecerem o mundo, enfim, uma forma de reconhecerem a sua realidade e o cotidiano vivido. As narrativas fazem parte da "vida do homem em sociedade", pois as histórias narradas poderão estimular a imaginação e ainda mais, ampliar os seus sonhos e os seus desejos. Esses fundamentos são importantes para comprovar a existência do ser humano em todo o seu processo histórico.

Os autores Zocolaro; Doná e Martins (2021) apontam que arte de ouvir e contar histórias trouxe o cerne da manutenção homem, isto é, ajudaram no seu desenvolvimento e progresso da atualidade. Por meio, da tradição oral, "desde o início da humanidade, foram passados valores, costumes e conhecimentos, essa ancestralidade, faz da contação de histórias uma arte valiosa".

Acrescentam sobre essa reflexão Motoyama e Sisto (2016), a contação de histórias favorece uma atmosfera propicia para sensibilizar as pessoas, via o olhar, as emoções, as memórias, a história, aspectos que muitas vezes se tornam de modo inesquecível para as pessoas. Portanto, é um ato humanizador construído pelos homens via oralidade ou por meio da leitura.

Para Silva (2014, p. 20), "por meio da oralidade dos contadores tradicionais sociedades inteiras perpetuaram e transmitiam costumes, valores e organização social a geração posteriores". Assim sendo, a tradição oral dos contos auxiliaram na consciência humana, facilitando ao homem conhecer sua realidade e seu autoconhecimento.

Para ilustrar esses aspectos a figura 1 demonstra o poeta "Aedo", na Grécia Antiga, mesmo antes do surgimento da escrita, cantava ou recitava nas suas narrativas a temática sobre deuses e batalhas gloriosas. Algumas vezes, também tocava um instrumento de cordas denominado "lira". Homero foi um dos mais conhecidos poeta da Grécia.

FIGURA 1 - POETA E CONTADOR DE HISTÓRIAS: HOMERO



FONTE: LEWANDOWSKY, 2022

Segundo Cortes (2006, p. 36), o pensador Aristóles, na Grécia Antiga, ao traduzir sua "Poética", apresenta um manual das suas narrativas, nelas poderiam observar criações e formas representadas pelo teatro grego. Dessa forma, estudou as características das formas narrativas, teorizou os seus efeitos na plateia. Ensinava técnicas para elaborar uma poesia, tragédia ou comédia. Trouxe um dos aspectos fundamentais para "a estruturação do texto, com começo, meio e fim". Ainda mais, analisou os fatores como a unicidade da história contada e a necessidade de "uma certa dose de verossimilhança".

Adiciona-se aos estudos de Aristóteles (CORTES, 2006, p.37), a importância da "peripécia", ou seja, como é andamento da história, e os elementos presentes em qualquer narrativa. Assim, primeiramente, uma história se apresenta como uma situação equilíbrio, que, após um fato relevante, traz o desequilíbrio da história, exigindo dos personagens, "enfrentar diversas peripécias até chegar ao desfecho e o restabelecimento do equilíbrio". De acordo com Machado (1994), registrou-se historicamente, na Idade Média, histórias oriundas de autores desconhecidos, divulgados oralmente pelos contadores que percorriam muitas distâncias para apresentá-las. As narrativas eram reproduzidas com modificações a partir dos sentimentos dos autores, eles apresentam dois elementos fundamentais para essa apresentação: a sensibilidade e a recitação do narrador.

Dessa forma, destaca-se a tradição oral como "um texto de muitas vozes, de muitos autores". Acontece uma relação entre o próprio ouvinte, quando a pessoa ouve, poderá existir uma intepretação para que ela também possa criar histórias. A literatura trouxe um patrimônio cultural para os povos por intermédio das narrativas desenvolvidas pela oralidade (MACHADO, 1994, p. 21).

Amplia a temática sobre tradição oral, Machado (1994, p. 21), analisando que "recontar uma história ou dramatizar um texto requer uma estratégia comum: colocar em cada palavra ou frase uma expressão particular, carregando-a de sentido". O narrador quando fala traz uma expressão natural de acordo com a sua sensibilidade. Porém, o escritor, muitas vezes, não consegue traduzir na escrita a expressão dramática da voz humana.

O papel social da infância, entre o século XVII para o XVIII, teve uma mudança na sociedade. Antes dessa etapa as crianças eram idealizadas como adultos miniaturas. Elas auxiliavam nas tarefas das casas e não tinham um cuidado especial diferencial nessa fase. A cultura literária também decorria da mesma forma com as crianças. Quando, posteriormente, aconteceu a ascensão da burguesia surgiu uma nova estruturação familiar e originou-se um novo conceito de infância com transformações em alguns aspectos e novas atribuições na família (VIEIRA, 2008).

Nesse momento histórico teve início da Literatura Infantil. Por meio da mudança de concepção do conceito de infância, os contos de fadas eram transmitidos pela tradição oral e passaram a ser registrados em livros, com o aparecimento da imprensa. Segundo Cunha (1989), os gêneros clássicos eram de conhecimento das crianças da nobreza, pois os seus familiares faziam a leitura desde a tenra infância. Porém, para as crianças menos abastardas eram lido para elas histórias de Cavalaria, aventuras, lendas e contos folclóricos.

Na Idade Moderna as histórias não são apresentadas pela voz viva e apenas registradas nos livros. Atualmente, ampliaram-se as formas por meio das artes visuais, na televisão, no cinema e nas redes sociais. Entretanto, anteriormente, o surgimento da imprensa e do avanço tecnológico das mídias, "as histórias eram contadas em voz alta por um narrador a um grupo de pessoas estabelecendo uma interação direta entre o narrador e seus ouvintes". O narrador aborda a sua fala como uma "escritura invisível" para oferecer a fixação e a memória do ouvinte, favorecendo para "a reprodução futura" (MACHADO, 1994, p. 20-21).

O ato de contar permeia toda a história, desde os primórdios da civilização, após o surgimento da escrita e de todos os meios de comunicação eletrônica, as histórias sobrevivem com o patrimônio cultural dos homens. Aponta-se que os meios foram mudados, porém a contação de histórias ainda permanece para a Modernidade.

Demonstra-se, dessa forma, o valor das formas narrativas elaboradas pelo homem durante todo seu percurso histórico por meio da tradição oral.

2.2 Contar histórias: uma arte ou uma técnica?

Atualmente, os pressupostos teóricos para contação de história é ainda muito valorizado e possui muita veracidade. Os meios de comunicação e os avanços tecnológicos trouxeram novos elementos de recursos audiovisuais, a internet e a televisão são veículos muito acessíveis para o público infantil. Mesmo assim, o ato de contar histórias continua com muito esplendor como na Antiguidade, oferece uma bagagem linguística valiosa para o desenvolvimento integral das crianças.

Para Cortes (2006, p.96), "contar histórias não é só narrar contos, no sentido restrito do termo". Mas, a narração de outros gêneros literários como: fábulas, mitos, novelas, isto é, textos que possuem uma estrutura sequencial completa. Assim, a autora citada compreende o sentido da palavra "conto" com diversas categorias. A narração oral traz elementos para fomentar a imaginação, de tornar real a fantasia. "É a arte que se conserva viva, à medida que viabiliza pela palavra, em sua condição mais simples, a oralidade e a memória do mundo".

Para Coelho (1986, p. 50), "contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente". O ato de contar histórias transmitem as emoções dessa pessoa. A voz é um instrumento para expressar esse sentimento. Existem uma diversidade de voz, "a sussurrada, a aconchegante, a suave, sem vibrações, sem consistência, inexpressivas entre outras".

Acrescenta ainda essa autora Coelho (1986, p. 52), "contar histórias é uma prática tão gratificante, que chega produzir no narrador a catarse dos conflitos mais íntimos". Corrobora com essa reflexão Prieto (1984), argumentando que as palavras "Era uma vez" traz a abertura de um mundo novo, que ultrapassa à realidade imediata , acende na troca da realidade simbólica dotada de muita intensidade que faz a pessoa descobrir novas formas para a sua realidade.

Analisa Machado esse contexto (1994, p. 13) e argumenta, "um dos aspectos mais importantes da narrativa literária, em seu aprendizado com a tradição oral, foi a possibilidade de a história se modificar cada vez mais em que é contada". Ao se comunicar pela fala o homem tem dificuldade de repetir o mesmo contexto, portanto, "é muito difícil contar a mesma história exatamente do mesmo modo". Pode se observar que até a tonalidade de voz se diferencia muitas vezes quando é contado a história. Desse modo, uma mesma história pode gerar muitas narrativas diferentes.

Para Cortes (2006), a cultura popular traz a figura dos contadores que narram seus próprios relatos via tradição oral. Realizam a contação por eficácia e encanto, de forma intuitiva, com técnicas elaboradas de sua experiência. Aspectos peculiares de cada um pessoalmente, porém eles não têm consciência para transmitir para os outros. Atualmente, existem técnicas específicas para contar as histórias, por meio de uma aprendizagem expressa e voluntária. Para isso acontecer, é necessário o domínio do idioma e muita leitura.

De acordo com Barthes (1995), a linguagem oral quando é contada se materializa na voz, nos aspecto teatral do pensamento, mas, como um espetáculo, em que se encena algo existente na alma, são caminhos que integram a literatura ao psiquismo humano por muito tempo. Assim sendo, quando a criança ouvir histórias traz momentos prazerosos, constela uma magia transcendental, oriundas dos sentimentos que essas oferecem da referência de muitos povos diferentes e traz outras realidades.

Para transmitir esse momento especial de contação de histórias, Oliveira (2019, p. 123), destaca alguns elementos metodológicos como: escolher bons gêneros literários e recursos como ilustrações. Portanto, exige um planejamento do contador, isto é, deve conhecer e fazer leituras prévias das narrativas. Interpretá-las oferecendo vida à história, ainda mais, usar a expressão corporal, diversas formas da voz para participação ativa do público.

A escolha do local em que será realizada a atividade é outro aspecto fundamental para Cortes (2006), pois ela aponta que os locais abertos (parque, ao livre e outros) como referência para a contação de histórias. Em sessões com público infantil, acentua a importância das crianças estarem sentadas, de preferência em semicírculo. Nesse caso, o contador ao narrar a história necessita estar mais perto das crianças. Para a comunicação ficar mais nítida é preciso evitar lugares como palcos, pois a acústica poderá prejudicar o entendimento das histórias. No espaço escolar, o educador ao planejar essa atividade deve buscar lugares como essa representado na figura 2. As crianças pequenas estão muito próximo da educadora e esse fator auxiliará na compreensão da história, mesmo no espaço de sala de aula.

FIGURA 2 - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



FONTE: SALVATORIANO, 2019

Todas essas estratégias são fundamentais, segundo Cortes (2006), ainda mais, a duração e a faixa etária das crianças. Quanto a duração deve o contador de histórias estar atento sobre a participação do público para recortar a sessão. Pois, se os ouvintes tiverem cansados e demonstrarem não motivação para escutar a história. A sensibilidade do contador é fundamental nesse momento para fazer mudanças e adaptar a situação no momento da apresentação. A faixa etária de concentração das crianças também é muito variável.

Outra autora, Machado (1944, p. 23), aponta a necessidade de "colocar em cada palavra ou frase uma expressão particular, carregando-a de sentido". Para isso acontecer, é necessário um treino com exercícios para preparar a memória e a consciência da linguagem. Dessa forma, a arte de contar histórias, exige alguns critérios, porém poderá ter modificações na maneira de narrar.

Em síntese, existem aspectos técnicos para contação de histórias. Cortes (2006) faz um pequeno roteiro relacionado a seguir: a importância do olhar do contador nos olhos das crianças, pois esse aspecto estabelece a comunicação entre os participantes; a narração oral precisa ser trabalhada com diversas tonalidades da voz; estabelecer uma relação

do contador com o público, pois o diálogo poderá trazer informações sobre o autor da história e a escolha do tema.

Quanto à seleção da história, Cortes (2006, p.103) destaca: a relevância da motivação do contador de história pela escolha da narrativa escolhida; a adequação da temática para a faixa etária; a mensagem que o conto irá estabelecer para os ouvintes, a tensão positiva traduzida pelo texto para o público refletir sobre a temática; a credibilidade, pois "o conto deve ser verossímil e provável dentro da fantasia", portanto, é necessário trazer uma história com credibilidade para o público, com uma sequência coerente e um aspecto emotivo.

Dessa forma, o processo de contação de histórias, de acordo Cortes (2006), deverá ter uma pequena sequência, ou seja, a apresentação, a introdução, o desenvolvimento, o clímax e a conclusão. Coelho (1996) explica cada fase da estrutura da narrativa exemplifica os elementos principais. Na introdução pode-se observar a parte preparatória, o momento em que se inicia, se localiza a ação (entrecho) da história no espaço e tempo, descreve-se também as características das personagens principais. Logo após, apresenta-se o enredo e o clímax, ou seja, o conflito, sendo os detalhes mais importantes da história, e, finalmente, no desfecho acontece a resolução do conflito.

2.3 A importância da Contação de Histórias na Educação Infantil

Os primeiros contatos da criança com a literatura pode acontecer por intermédio da narração das Histórias ou por livro, com a manipulação das ilustrações. A escola e os familiares serão mediadores dessa ação. Para isso acontecer, compete ao espaço escolar promover ou reiterar esse contato. O ato de ouvir histórias, por uma atividade lúdica eminentemente tornar-se uma atividade pedagógica, na medida em que faz despertar a curiosidade por novas histórias e consequente interesse pela leitura.

Conforme Puig (1998, p. 68), o ato de ouvir histórias para a criança auxilia a percepção da sua realidade. "As diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social". Conjunto de elementos que ajudarão a criança incorporar valores regidos a vida dos seres humanos.

A contação de histórias quando é narrada como uma arte, trará momentos favoráveis para a aquisição do letramento, isto é, oferecerá vários gêneros literários para o conhecimento dos estudantes. Desse modo, poderá construir um repertório linguístico fundamental na aquisição da leitura e escrita, letramento para o processo de alfabetização e formação de futuros leitores.

Destaca-se a importância das narrativas clássicas como os contos de fadas e as fábulas. Elas poderão ser utilizadas por meio do reconto. Ressalta-se que o contador deverá ter sensibilidade e expressividade e fazer parte do planejamento do educador. Os gestos do contador também é fundamental nesse momento, as mãos e o rosto serão expressões importantes para ampliar a memória das crianças. Enfim, a contação de histórias para crianças será por meio da ludicidade e trará outros vocabulários para as crianças, logo, oportunizará uma viagem no universo imaginário.

O conhecimento das histórias será a bagagem cultural para a criança dar vazão à imaginação. Ainda mais, ela irá fazer o estabelecimento entre a realidade e o mundo da fantasia, terá a oportunidade de enriquecer e ampliar as suas experiências vividas. Será o caminho para organizar e recriar os conhecimentos adquiridos, para o desenvolvimento do raciocínio lógico e a conscientização de sua própria postura em relação ao mundo em que vive, um fortalecimento para seu autoconhecimento (FONTES et al., 1979).

Segundo São Paulo (2010, p.12), "a contação é, pois, um gênero oral importante para o desenvolvimento infantil e a leitura associada às imagens também, no que concerne à leitura de mundo, à construção do conhecimentos prévios e ao estímulo para a leitura por prazer". Entretanto, se aponta que essa ação também deverá ser realizada por meio livros. "É muito significativo que a criança não somente associe à contação ao suporte, ou seja, que ela perceba que este gênero oral surge a partir de um livro, quando esta história retirada de um livro". O objetivo essencial é que a criança perceba a leitura como uma ato feito socialmente. Outro documento do autor citado São Paulo (2007, p. 87) aponta:

Ler para uma criança é antes de tudo um ato de generosidade e de responsabilidade do professor que, ao emprestar a voz para que o autor fale com às crianças, também assegura a elas o direito de ingressarem nesse universo letrado, antes mesmo de saber os nomes das letras. É na roda de leitura que as crianças ampliam o repertório de histórias desde os contos tradicionais de fadas, até os populares brasileiros e de outras culturas, o título de alguns dos autores da literatura infantil, peças e autores de teatro, distinguindo esse tipo de textos dos demais modos de expressão das histórias etc.

Segundo Coelho (1986, p.15), algumas histórias necessitam ter estratégias para ser contada por meio dos livros. A linguagem escrita precisa de adaptações, pois, às vezes, não são simples e acessíveis para as crianças. Para que haja a compreensão delas o educa-

dor precisa planejar e levar em conta a faixa etária e organizar outros materiais como fantoche, sucatas entre outros.

De acordo ainda com a autora Coelho (1986, p.30), na Educação Infantil pode-se limitar duas fases de interesses, no Centro de Educação Infantil (CEI – bebês e crianças pequenas até três anos) denomina-se fase pré-mágica em que se deve trabalhar com "histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) e histórias de crianças" . Já na Escola de Educação Infantil (quatro e cinco anos) encontra-se na fase mágica. O repertório poderá ser "histórias de repetição e acumulativas, histórias de fadas, histórias das crianças, animais e encantamento".

As formas de apresentação das histórias é outro fator de relevância a se destacar. Para Coelho (1986), os recursos mais acessíveis na Educação Infantil são: a narrativa simples, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras ou fantoches, do flanelógrafo, de desenhos também a narrativa com interferências do narrador e das crianças. Na figura

2 apresenta duas práticas desenvolvidas pela autora dessa pesquisa com crianças pequenas do CEI EFRAIM, localizado na zona leste de São Paulo.

FIGURA 2 – CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CEI EFRAIM



FONTE: ALMEIDA, 2020

Ao lado esquerdo da figura 2 pode-se observar a contação de histórias com objetos e fantoches para que as crianças tenham acesso também as figuras tridimensionais. Contou-se a história dos "Três Porquinhos" adaptada a faixa etária de crianças pequenas. No lado direito as crianças participam ativamente com uma narrativa com fantoches apresentada pela pesquisadora.

Coelho (1986, p.32) recomenda "o uso de fábulas, lendas, histórias recolhidas da tradição oral e histórias similares", na Educação Infantil. A duração da narrativa nessa faixa etária deverá ser de cinco a dez minutos. Com uma certa flexibilidade e sensibilidade do contador. Na fase pré-mágica muitas vezes as crianças conseguem acompanhar todo o enredo, embora outros também se dispersem e não conseguem fixar a atenção. Ao conhecer a turma o educador poderá equilibrar o texto, destacando os principais detalhes da história.

Percebe-se a importância da narrativa oral, para formação de futuros leitores, desse modo, cabe às escolas organizarem uma proposta curricular, em que a contação de história possa estar na rotina do espaço escolar com muita frequência. Para a autora Molina (2010), essa ação educativa exige planejamento, ser narrada com lentidão e tonalidade visando transformar a magia das palavras. Assim sendo, o narrador, tem que transmitir confiança e a atenção das crianças.

Corrobora com essa reflexão Bresciane (2006, p. 13), analisando que a contação de histórias, deverá ser um hábito, pois elenca diversos significados. Ainda mais, está relacionado "com o cuidado afetivo, construção de identidade, desenvolvimento da imaginação, capacidade e escutar os outros e de expressar ideias e sentimentos, bem como de compartilhar conhecimentos". As crianças desde seus primeiros anos de vida precisam ter a vivência com as narrativas infantis. Elas contribuirão para o desenvolvimento do pensamento lógico e ampliará o universo imaginário.

Analisa esses aspectos Vygotsky (1992, p.128), apontando que "a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista". Desse modo, a imaginação traz a direção da consciência, quando tenta se afastar da realidade. Os contos tradicionais retratam um mundo de fantasia, resgatado pela imaginação, além disso, abordam situações reais e concretas. Trabalham efetivamente com as emoções humanas na contribuição para formar a identidade infantil, como um dos fatores relevantes no processo de aquisição de leitura.

Os contos de fadas possuem uma essência para incentivar o desenvolvimento da imaginação, segundo Pina (2009, p. 28), isso porque por meio "de reis, rainhas, anões, gigantes, ogros, bruxas, dragões as pessoas saem do mundo real e entram num mundo onde tudo é possível". A arte de contar histórias faz parte desde os primórdios da civilização. As narrativas poderão ser contadas ou lidas pelo contador. Os elementos de uma narrativa clássica trazem o encantamento, a magia e a possibilidade da criança entrar em contato com seus medos e angústias.

Na Educação Infantil é fundamental para as crianças observarem narrativas orais. Elas possuem conteúdos de características marcantes da sabedoria popular e ainda mais, os valores universais. Assim sendo, é uma ponte para contextualizar e trazer uma aprendizagem significativa na inserção do mundo letrado. O patrimônio cultural desse gênero literário é um legado construído pela

Humanidade, por meio dele a criança poderá desenvolver integralmente a sua personalidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a relevância do ato de contar histórias para humanidade como um arte milenar. O homem por meio da tradição oral traduziu de geração para geração suas experiências de vida por intermédio das narrativas. Originando outros gêneros como a literatura, o cinema e a televisão fontes e veículos de conhecimentos e informações do patrimônio cultural.

Cabe às escolas organizarem na proposta curricular a presença da rotina escolar das crianças pequenas. Contar histórias é um ato mágico que precisa ser usado como metodologia no cotidiano escolar. Ao utilizar esse recurso pedagógico os educadores estarão cultivando nos estudantes a consciência crítica, o senso estético e a reflexão sobre seu autoconhecimento.

O presente artigo ratificou a importância de contar histórias como recurso pedagógico valioso na Educação Infantil. Um instrumento que favorecerá a expansão do imaginário e da curiosidade das crianças. Portanto, deverá estar presente no planejamento diário dos educadores fazendo parte das atividades permanentes. O potencial gerado por essa estratégia é fundamental para formação de futuros leitores.

Notou-se ao levantar a coleta de dados desse estudo, quanto uma história poderá ampliar a linguagem verbal de forma simbólica e lúdica para as crianças. No entanto, o limite de tempo e espaço poderá ter deixado alguns pontos em aberto para novas pesquisas e investigações sobre o assunto. Destaca-se a relevância dessa temática para a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Silva. Contação de História no CEI EFRAIM, arquivo de fotos pessoais. São Paulo, 2020.

BARTHES, R. O grão da voz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

BRESCIANE, Ana Lúcia Antunes. “Era uma vez” para crianças pequenas. Avisa lá. jul. 2006.

CARTIER, J. M. A arte de contar histórias – Conta uma História. 2015. Disponível em: <http://www. contaumahistoria.com.br. >Acesso em: 04 fev. 2023.

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1986.

CORTES, Maria Oliveira. Educação Infantil – Literatura Infantil e Contação de Histórias. Viçosa/MG: CPT, 2006.

CUNHA, M. A. A. C. Literatura Infantil – teoria e prática, 9 ed., São Paulo: Ática, 1989.

LEWANDOWSKI. Herve. RMN- Grand Palis, História National Geographic. Poeta e Contador De Histórias: Homero. 2022. Disponível em: <htpp: www.nationalgeographic. com.br.> Acesso em: 09 fev. 2023.

FONTES, Victor et al. A criança e o livro, Lisboa: Horizonte, 1979.

MACHADO, Irene A. Conteúdo e Metodologia da Língua Portuguesa - Literatura e Redação, São Paulo: Scipione, 1994 (Série Didática – Classes do Magistério).

MOLINA, Márcia A. G. Como formar bons leitores? Revista Criar, ano 1, n.2, mar./ abr.p. 10-13, 2005.

MOTOYAMA, J. F. M. ; SISTO, C. A narração de histórias na infância, técnica e interação. In: GIRORRO, C. G. S; SOUZA, R.J. de (org.) Literatura e Educação Infantil, Campinas: Mercado das Letras, 2016. (vol. 2).

PUIG, J. M. A construção da personalidade moral. Tradução Luizete Guimarães Barros e Rafael Camorlinga Alcarraz. São Paulo: Editora Ática, 1996.

OLIVEIRA, J. L. F. de. Contação de histórias – ler e ouvir histórias infantis. Educar FCE, vol. 25, nº 1, set. /out. / nov./ dez. São Paulo. 2019

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. SME: Prefeitura de São Paulo, 2002.

PINA, Sandra. E agora? Porto Alegre: Artes e Ofício, 2009.

SALVATORIANO, Contação de Histórias – Nível II, 2019. Disponível em:<http:www. redesalvatoriana. org. br.> Acesso em: 10 fev. 2023.

PIETRO, Antônio. Antologia Poetica del Renacimiento Hispanic. Espanha: Orbes, 1984.

SÃO PAULO (SP). Narrativas Infantis no jogo do faz-de-conta. A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil. Secretaria Municipal da Educação. São Paulo: SME/DOT, 2010.

SÃO PAULO (SP). Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem e orientações didáticas para Educação Infantil. Secretaria Municipal da Educação. Diretoria de Orientação Técnica, São Paulo: SME/DOT, 2007.

SILVA, Valéria Santos. da. A hora do conto no cotidiano: reflexão sobre o ler e o contar histórias na rotina de duas professoras dos anos iniciais. Tese de Mestrado de Educação. UNESP, Presidente Prudente, 2014. Disponível em:<http://www.2fct.unesp.